

O CHRISTÃO

NÓS PRÉGAMOS A CHRISTO

1.^a aos Corinthios cap. I. v. 23

Redacção:

Rua de S. Pedro N. 118

RIO DE JANEIRO

REDACTORES DIVERSOS

Publicação Mensal

Assignatura Annual. . . 3\$000

ADEANTADOS

Principia em qualquer mez mas finda em Dezembro

ANNO XIX

Rio de Janeiro, Setembro de 1910

NUM. 226

A Fé

(*Conclusão*)

Em consequencia, porém, da fé desse homem, uma raça se fundou; em resultado da fé desse homem, 400.000.000 de seres humanos adoram hoje o unico e verdadeiro Deus.

E, pensando na influencia que a fé desse homem exerceu sobre elle, e por intermedio delle sobre o destino da humanidade, appareceu-me essa fé, illuminada por uma luz differente daquella em que a percebera antes.

E comecei então a fazer uma applicação practica da lição dominical e, quando cogitava disso, via não só o quanto a fé entrava em toda a vida, mas como se tornava a influencia reguladora de toda a existencia.

Si me disserem que o trabalho governa o mundo, responderei que não ha trabalho emquanto não existe a Fé. Em primeiro lugar a Fé depois o trabalho; tal qual como si um homem falasse, e depois agisse.

Esta noite, sob os auspicios da Associação Christã de Moços, demonstramos a influencia da fé, porque foi a fé de um homem que vivia sob a bandeira britanica, que deu começo ao movimento destas Associações, inspirando o seu primeiro impulso.

Dirijo-me as pessoas que sabem ler e escrever; não ha nem uma escola no mundo que não tenha sido levantada sobre a fé.

Por acreditar o povo que a educação é um bem, é que paga impostos afim de sustentar escolas, para que seus filhos possam gozal-as.

Por pensar o povo que os professores podem instruir efficientemente, é que os emprega neste mysterio; e é porque os professores têm fé no valor da educação, que elles se preparam para ensinar.

Vós, como nós, que vivemos nos Estados Unidos habitaes um paiz novo, e, aquelles que para aqui têm immigrado, o tem feito por causa de sua fé nas suas possibilidades futuras. E, assim, poderia applicar este pensamento a tudo quanto fazemos, a todos os planos que engendramos, a todos os nossos actos. Mais supponho que todos concordarão na necessidade da fé, e creio que vos posso fazer maior bem, apresentando algumas suggestões quanto á direcção em que a fé se deve manifestar.

Em primeiro lugar é mister ter-se fé em si mesmo; uma pessoa precisa crer que pôde fazer as cousas, ou então cila nunca as fará.

Sei que essa fé em si mesmo pôde ser levada ao exaggero, até tornar-se em pedantismo offensivo. Mas, entretanto, pedjudicial como é o pedantismo, não é o peor dos vicios.

Certa occasião defendia meu pai um individuo, accusado de presumpçoso. «cabeçudo», que fallava constantemente de sua propria pessoa; na defesa, disse meu pai que quando um homem andava com a cabeça *inchada*, isto é, cheia de sua propria importancia, havia remedio, era diminuil-a

cortando-lhe pedaços pouco a pouco ; mas quando soffria do contrario, de cabeça *pequena* de mais, não havia remedio para este mal.

Si sois «cabeçudos», neste sentido, todos os vossos amigos procurarão diminuir a vossa cabeça ; mais si sois levianos, nada ha que se possa fazer a vosso respeito.

Mas, para se ter fé em si mesmo, é necessario ter-se alguma cousa em que basear esta fé. Não se pôde ter fé na força physica, sem que se tenha esta força ; aquelle que sente constantemente os effeitos da doença, não pôde ter-se na conta de um forte para a luta da vida ; portanto to, si algum quizer ter fé na sua força physica, precisa dar ao seu corpo a educação necessaria para habilitar esse corpo a resistir a prolongadas fadigas.

Não se pôde estar confiante na capacidade mental, enquanto se não tem consciencia de que a mente se acha preparada para enfrentar os problemas que tem de resolver.

Desci esta manhã de Petrópolis, nessa esplendida estrada de ferro que alonga o seu caminho pelas bordas da montanha.

Supponhamos que algum homem que não sabe ler nem escrever, que nunca aprendeu mathematicas, nem estudou sciencias, fosse trazido ao sopé da montanha e ali mandado a construir uma via-ferrea para o alto. Fal-o-hia ? Não.

Porque ? Porque não teria fé ; teria consciencia de que essa obra estaria acima de suas forças. Mas levae um engenheiro pratico á raiz da serra, dizei-lhe o que quereis ; o seu atilamento discernirá logo um traçado da base ao tope da montanha. E por causa da sua fé, muita gente terá fé para supprir o dinheiro necessario, e assim serão empregados os operarios para a construcção, de sorte que em pouco tempo a estrada funcionará.

Ide aos remadores indigenas, em suas canoas, rio abaixo, e encommendaes-lhes a construcção de um transatlantico. Não vos poderão fazel-o. Porque ? Não tem fé na sua capacidade para esse serviço ; nem sequer o procuram fazer. Mas, procurem uma companhia de construcção naval, e expõe a encommenda que desejaes fazer, elles vos perguntarão :— De quantas

toneladas ? Direis : Dez mil Replicarão : Voltae em poucos dias e vos daremos as plantas.

Si ao voltardes, tendes ducidido que dez mil toneladas não bastam e quereis vinte ou trinta mil, dirão elles : Vinde outra vez em poucos dias e faremos as modificações necessarias nas plantas.

Eu poderia applicar este principio a qualquer ramo de actividade em que o ser humano se occupa. A consciencia de que uma pessoa tem o poder mental de executar uma obra qualquer é por si mesma um poder.

Na China assisti a uma nova especie de concurso ou prova, que se realizou entre passaros ; os Chins ajuntam uma porção de calhandras para realizarem entre si este concurso, e o ponto interessante é que os passaros decidem a disputa por si.

Quando são apresentados para o concurso todos cantam, mais pouco a pouco alguns vão descobrindo que não podem sustentar concorrencia com os demais, e então começam um por um a enfiar a cabeça sob as azas e não mais querer cantar. Afinal fica na arena um só dos passaros a cantar, o qual solta o canto com o entusiasmo de um vencedor, reconhecido por todos como tal.

Estamos todos nós empenhados em uma campanha todos os dias, e a consciencia de nossas capacidades para enfrentarmos todos aquelles com quem competimos é, por si mesma, uma grande fonte de força.

Congreguem-se cem homens para discutir uma grande questão, cincuenta de um lado, cincuenta de outro, venham elles do uma mesma cidade, de uma nação toda, ou de diversos paizes do mundo ; quando começa a discussão todos tomam parte, si não se conhecem uns aos outros. Mas, no correr da discussão, irão, um por um, deixando de tomar parte até que ao finalizar restarão só dous oradores, um de cada lado, e estes dous serão os melhores.

Porque isso ? Porque si os homens se interessam pelo exito da causa por que combatem, quando reconhecerem que outrem pôde lançar o assumpto de fôrma melhor do que o fizeram, então volunta-

riamente retirar-se-ão, um após outro, para que a causa que defendem possa ser apresentada debaixo do seu melhor aspecto.

Si, portanto, desejamos realizar grandes feitos, nos devemos educar e preparar para termos a consciencia, no meio da luta, de que estamos preparados para enfrentar aquelles que vêm ao nosso encontro.

Mas ha alguma cousa mais que a fé em nossa força physica, ou em nossa preparação mental. Si quizermos executar um grande trabalho, devemos ter fé em nosso proposito. Si quizerdes evitar embaraços, nunca deveis collocar um proposito egoista em face de outro altruista.

Em campanha prolongada sempre ganha a peieja aquelle que combate do mais alto plano; em contenda que se prolonga vence sempre aquelle que leva o mais nobre proposito.

Disse Shakespeare: «E' a consciencia que nos faz a todos covardes», e nada nullifica mais o esforço de um homem do que a consciencia que elle tem de que projecta qualquer cousa, que não tem coragem de confessar.

A Biblia falla daquelles que amam antes as trevas que a luz. Porque? Porque são todas más as suas acções.

Nosso grande estadista, Thomas Jefferson, disse que o erro não prejudicava nada, si á razão fosse permittido exercer-se ao mesmo tempo. E' a confiança na justiça de nossa causa que nos faz fortes.

«Tres vezes se vê bem armado aquelle que discute com justiça».

Nada dará tanta força a um homem em disputa com seus semelhantes como abrir o coração, e dizer-lhes: «Cousa alguma tenho para occultar».

Mas é necessario haver mais do que simplesmente a fé em nós mesmos para execução de grandes cousas; é necessario ter fé em nossos semelhantes. E' melhor acreditar e ser illudido de vez em quando do que não acreditar de todo. Disse alguém que e attestado de estar uma pessoa em perfeito juizo consiste em agir ou não com os seus semelhantes.

O homem que soffre das facultades mentaes não pôde trabalhar de commum

accôrdo com quem quer que seja; só o o homem de perfeito juizo pôde cooperar com todos.

Nenhuma obra de importancia pôde ser levada a cabo sem cooperação; todá a obra governamental, toda a obra social o trabalho de todos em geral, todo o trabalho religioso, todas essas cousas dependem da cooperação, da acção commum. Não podeis trabalhar para o povo, si nelle não tiverdes fé. Reuni uma dezena de homens, e si todos mettem as mãos nos bolsos por suspeita de que os outros vão roubar-os, não farão trabalho nenhum. E' mister ter confiança uns nos outros, ou nada se faz; e não sómente é necessaria esta confiança, mas ella tambem se justifica na experiencia. A confiança gera a confiança, e esta por sua vez gera a virtude.

Em todos nós, existe desenvolvido em maior ou menor escala, o amor do applauso, e procuramos sempre viver á altura da espectativa de nossos amigos.

Repito que devemos confiar uns nos outros, e acrescento que jámais alguém executou uma grande obra sem a fé em seus semelhantes; e a fé de um homem em seus semelhantes é a base sobre a qual estes levantam o edificio da sua fé nelle.

Volvei a historia; percorrei todos os paizes, lede as inscrições gravadas nos monumentos levantados por mãos carinhosas em memoria daquelles a quem o mundo chama de grandes, e verificareis que pôde ser dito de todo aquelle a quem o mundo amou, que este amor nasceu em compensação do amor que elle primeiro consagrou-a o mundo.

O povo se distingue menos por suas qualidades de coração que por outro modo qualquer; o povo comprehende melhor e responde mais depressa a um appello para o senso moral, do que a outra especie qualquer de appello, e nenhuma questão jámais foi resolvida no mundo, que se não baseasse e firmasse em um principio moral.

Receio a autocracia da riqueza; respeito a aristocracia do pensamento; mas agradeço a Deus pela democracia do coração.

Ha, entretanto, dois perigos na educação; um consiste em que a pessoa se

empenhe tanto na esphera do conhecido, que venha a tornar-se indifferente á esphera maior do desconhecido; por outras palavras, quando um homem se occupa muito em estudar a terra, ficará corcundo, ao ponto de não poder ver as estrellas; repito que o primeiro perigo é que elle possa despendar tanto tempo no estudo da materia e do corpo, que se esqueça da vida espirital.

Todo o professor de escola, quando cuspina, está no terreno do conhecimento humano; mas deveria dizer á seus alumnos que o homem não sabe ainda o que é a vida ou o que é a morte, o que é o amor ou que é o patriotismo; deveria dizer a seus alumnos que as cousas que vemos são temporarias, mas que aquellas que não vemos são eternas.

O segundo perigo é que a educação nos possa afastar da sympathia daquelles que nos cercam. Quanto não tem soffrido o homem, porque aquelles que nunca foram educados conceberam a idéa de que Deus nunca pretendeu que a educação fosse para todos.

Repito que o segundo perigo da educação é que ella possa elevar o homem, em sua propria opinião, acima dos que delle se acercam, e tornal-o orgulhoso demais para ser camarada e companheiro de trabalho. Si eu pudesse escrever um distico em cada sala escolar, seria este:

«Muito será exigido daquelles a quem muito se dá.»

Si pudesse fazer brotar um pensamento no espirito dos estudantes do mundo inteiro, seria o seguinte: que elles têm a obrigação de levar sobre suas costas os mais pesados fardos, e trazer os maiores contingentes para o bem geral. Si pudesse deixar um pensamento com aquelles que gosam da vantagem da educação intellectual, seria este: que a vida se mede não pelo que um homem leva do mundo, e sim pelo que elle contribue para o mundo.

Mas é preciso ter alguma cousa mais que a confiança em seus companheiros.

Si um homem pretende levar a cabo uma grande obra, deve elle ter fé em Deus.

Não me chaméis de prégador porque vos apresento uma verdade que não pôde ser rebatida.

Conto cerca de 50 annos; no proximo

sabbado celebrarei o meio centenario. Tenho sido um tanto observador, e tenho convivido com os homens; tenho estudado não sómente a vida contemporanea, mas tenho lido a historia; e si houve jámais um grande homem que não acreditou em Deus, ainda estou por saber o seu nome.

Os povos têm acreditado em muitos deuses; elles têm visto deus no sol e nas estrellas e no ar, mas, si houve um ser humano que deixou vestigio de sua passagem na raça humana, que não tivesse reconhecido a sua responsabilidade para com um Ser Supremo, ainda estou por saber quem seja essa pessoa. Encaro o sentimento da responsabilidade para com o Supremo Ser como o factor principal na vida humana.

Tirae ao homem a creença em Deus, e que fará elle na vida? Tirae-lhe esse sentimento de responsabilidade para com Deus, e como se poderá conceber a existencia de um ser humano? Mas dae ao homem essa responsabilidade, e nella encontrará elle a base para a construcção de um caracter viril.

Escrevi ao grande atheu, patricio meu, Robert Ingersoll, quando eu era joven, interrogando-o ácerca de suas creenças sobre Deus e a immortalidade. Recebi do seu secretario uma carta, dizendo que Robert Ingersoll não se encontrava em casa mas assegurando que a minha pergunta seria respondida em um folheto que me mandava incluso. Li o folheto, e nelle vi a seguinte resposta: «Não digo que não ha Deus; digo apenas que não sei si ha ou não; não digo que não ha vida além-tumulo; apenas digo que não sei».

E desse dia até hoje tenho-me interrogado a mim mesmo, e nunca me pude dar uma resposta satisfactoria: Que prazer poderia encontrar um homem em tirar de um coração humano a viva fé, e ahi pôr em logar della, a fria e desconsoladora doutrina: «Não sei?»

Prégara elle a descreença desde a costa oriental até á occidental do meu paiz; ridicularizára todas as passagens da Sagrada Escriptura, torcendo a sua significação a seu bel capricho; e, entretanto, quando se viu face a face com o maior problema que o homem tem que encarar,

não ousou negar a existencia de Deus, mas disse simplesmente: «Não sei».

Aquelles que o seguiam como chefe vangloriavam-se de sua moral, esquecendo-se de que elle nasceu de uma familia christã, no seio da qual recebeu em sua infancia bastante influxo moral para leval-o atravez da vida; esqueciam-se de que elle se viu tão cercado dos principios moraes baseados na religião, que não podia deixar de ser influenciado por essa atmospheria moral.

Si quizerdes verificar si um homem pôde sustentar-se a sós ou não, não o examineis em uma multidão, onde tal é a pressão dos que o cercam que teria de lutar para poder cair; o homem vive hoje tão influenciado pelos principios moraes baseados na religião, que tem de lutar muito para delles se libertar.

Repito que, si um homem projecta realisar grandes obras, deve ter fé em Deus, porque a fé em Deus não sómente lhe dá a força de que elle precisa para vencer a tentação, senão tambem para encarar a vida como uma batalha. Como pôde um homem trabalhar pela victoria do direito sem que acredite que o direito triumphará? E como pôde um homem acreditar que o direito triumphará, sem que acredite que atrás da verdade está Deus, com um braço forte bastante para lhe dar a victoria, final? O homem que tem fé não indaga si terá parte nos louros da victoria, ou se morrerá no começo da pugna; elle acredita que toda a palavra proferida em bem da verdade terá sua influencia, e que nenhum golpe ferido contra a injustiça, será dado em vão, e é isto tudo quanto elle procura saber. Elle não sabe nem pergunta, qual a parte que lhe toca, si viver pela verdade ou morrer por ella, mas, si tem a força que deve ter, estará tão prompto a morrer por ella, quanto o é para viver por ella.

Porque se sente forte? Porque acredita que, si tiver de morrer pela verdade, sua morte ajudará essa verdade á conquista final.

Essa fé naquelles que combatem pela verdade não só dá força para resistir á tentação, e pelear as batalhas da vida, como tambem leva o desanimo aos ar-

raiaes daquelles que combatem nas outras fileiras. Ha força na mera presença daquelles que combatem com fé, não provocando questões nem disputas; é deante disso que a opposição desaparece; porque é tão verdade hoje em dia, como o foi através das éras. que um, com Deus, afugentará mil, e dous porão em fuga a dez mil.

Tenho terminado. Meu assumpto foi a Fé, e o pensamento que desejei imprimir é a influencia que essa fé exerce sobre a vida humana. Aos jovens, aos de meia idade, aos velhos, faço o mesmo appello.

Não ha uma divisão da verdade moral uma parte para os moços, outra para os velhos; porque a verdade moral destina-se a todos.

E isto é uma verdade assignalada pela historia, verificada pela experiencia em toda a parte: que si quizerdes executar qualquer trabalho, precisaes ter fé, na proporção da vossa fé, será o resultado desse trabalho.

Si lançastes uma base firme, no desenvolvimento da força physica, para terdes fé no vosso corpo: se lançastes uma base firme para terdes fé em vossa capacidade mental, pelo devido preparo da vossa mente; si collocardes atrás de um corpo forte e um espirito educado, um proposito elevado; si juntardes a essa fé em vós mesmos a fé em vossos semeihantes; si considerardes irmãos a esses, e a elles vos ligardes para os ajudar em levar os encargos e trabalhos da vida; e si, depois disso tiverdes fé em Deus, acreditando que, embora ninguem esteja a vos observar, entretanto ha um olho que não dormita; si acreditardes que Deus creou este mundo com um plano, e que delle sois parte; e si, resistindo ás tentações de gastar vossas vidas em meros prazeres animaes, procurardes saber a vontade de Deus a vosso respeito, e cumprir esta vontade; si, repito, marchardes sempre com essa fé em vós mesmos, essa fé na humanidade, e essa fé em Deus, não haverá limite para os bons resultados do vosso trabalho, e vosso gozo estará na proporção daquillo com que tiverdes contribuido para o bem estar geral.

Tenho dito.

ESTUDO BÍBLICO

Babylonia e as Semanas de Daniel, (Daniel 9 v 24 a 26.)

(Continuação)

A tomada de Babylonia por Cyro foi propheticamente indicada em ser uma occasião de festa. O rei de Babylonia seria apanhado repentinamente, e cheio de terror diria: «Os meus lombos estão cheios de grande enfermidade» (Isaias 21 v 3). O meu coração se murchou, as trevas me fizeram pasmar, a minha amada Babylonia, se tornou para mim em assombro (v 4) Eis-que chega um e outro assim montado, cada qual fazendo parilha com o seu carro, respondeu e disse:

Caiu, caiu Babylonia, e todos os simulacros dos seus deuses se fizeram pedaços arremessados em terra (v 9). Esta era a condição do rei quando no seu banquete repentinamente viu uma mão escrevendo na parede, e diz a Escripura que se mudou o semblante do rei, os seus pensamentos o turbaram, as juntas dos seus lombos se relaxaram, e os seus joelhos bateram um no outro (Dan. 5 v 2 a 6).

O terror do rei é descripto da mesma maneira como o propheta predisse 200 annos antes do acontecimento. O Propheta Isaias previo tambem que esse terror seria passageiro, pois assim se exprime.

«Põe a meza, vigia bem atalaia, come e bebe». (Isaias 21 v 5).

Por conselhos da rainha, mãe do rei, foi elle animado, a rainha vendo a perturbação do rei, entrou na casa do banquete e disse:

«Ó rei não te turbem os teus pensamentos, nem se mude o teu semblante (rosto)» (Dan. 5 v 9 10).

Quando o Propheta colloca como se fosse na boca do rei as palavras: «Põe a mesa.» no mesmo tempo ordena aos conquistadores a avançarem:

«Levantai-vos, principês, e untae o escudo (Isaias 21 v 5).

As portas de bronze seriam quebradas e despedaçadas os ferrolhos de ferro (Isaias 45 v 2)».

As tropas de Babylonia eram organiza-

das de homens de diversos paizes, e o Propheta Isaias prevendo que ellas não ficariam em Babylonia para defendel-a nem seriam buscadas pelos conquistadores diz: «Cada um será como a corça que foge e como a ovelha que ninguem recolhe; cada um attentará para o seu povo, e cada um fugirá para a sua terra (Isaias 13 v 14).

Os Prophetas Isaias e Jeremias descrevem a matança e destruição de tudo em Babylonia. (Isaias 13 v 13 a 18. Jer. 50 v 29) e tambem a morte do rei, cujo corpo não seria sepultado, acabando-se com a linhagem real (Isaias 14 v 18 a 23).

Leiam-se as referencias, quão admiravel é a evidencia das prophcias. E' como diz o Apostolo Pedro: «Os homens santos de Deus fallaram inspirados pelo Espirito Santo (2^a Pedro 1 v 21)».

Assim é descripta com particularidades a tomada de Babylonia. As prophcias cumpriram-se do seguinte modo:

Cyro vendo que os fôcos estavam promptos ainda que para isso tinha tido muito trabalho, principiou a considerar seriamente o que devia fazer, sem communicar a pessoa alguma. Soube que uma grande festa se celebrava em Babylonia, e que era de costume a cidade passar toda a noite em libertinagem nestas festas. Balthasar, que era o rei tomava parte nesta festa (Dan. 5 v 1 a 29) e deu um grande banquete aos grandes do seu reino.

Quando cheio de vinho, mandou vir os vasos de ouro e prata, que Nabuchodonosor trouxe do templo de Jerusalem, e juntamente com os convidados bebia por elles, insultando assim o Deus de Israel.

Deus, que era provocado com essa indignação e affronta, fez sentir ao rei a quem elle insultava, manifestando a sua condemnação pela apparição de uma mão escrevendo na parede (Dan. 5 v 3 a 5). O rei viu aquella mão mover-se, e atemorizado, convoca os sabios de Babylonia para interpretarem as palavras escriptas na parede.

Elles não poderam decifrar. O Propheta Isaias referindo-se, talvez, a este facto diz:

«Deixa-te estar com os teus encantamentos e com a multidão das tuas feitiçarias. Te caças-te na multidão dos teus conselhos, levantem-se pois agora os

agoueiros dos céus os que contemplaram os astros os prognosticadores das luas novas, e salvem-te do que ha de vir sobre ti (Isaias 47 v 12, 13. Alm.).

Estes agoueiros não poderam salvar o rei, nem lhe dizer o que aquellas palavras hebraicas indicaram.

A rainha mãe lembrou-se de Daniel, e aconselhou ao rei a mandar chamal-o: Daniel leu as palavras e deu a sua significação (Dan. 5 v 10, 13 a 30, leia-se). O rei, ainda que atemorizado, julgou que aquella sentença seria futura na sua execução e continuou a banquetear-se com a sua côrte.

Não temeu a Deus, não se arrependeu e não entendeu que o perigo estava perto. Cyro, informado da confusão que esta festa produzira no palacio e na cidade, collocou uma parte das suas tropas no logar por onde o rio entrava para a cidade, e uma outra parte por onde o rio saia, e ordenou entrar na cidade naquella noite, marchando pelo canal do rio, logo que podessem passar a pé.

Tendodados as necessarias ordens exhortou a seus officiaes a companhal-o, fazendo-lhes conhecer que marchavam de baixo da direcção dos deoses.

A noite abriu os grandes receptaculos em ambos os logares da cidade, de maneira que o rio podesse correr para elles. Desta maneira o rio depressa se esvaiou e ficou seco. Então os dois corpos de soldados entraram no canal sem resistencia.

O invisivel conductor que dirigia este trabalho, era o Deus de Israel, que promettera á Cyro abrir as portas e secar o rio. (Isaias 44 v 27; cap. 45 v 2).

Deus fez que a negligencia geral e a desordem daquella noite entre os Babylonios se esquecerem de fecharem as portas que davam entrada para o rio, e estando abertas, facilitaram a Cyro e os seus soldados entrarem na cidade.

Sem nenhuma opposição os dois corpos de tropas entraram no centro da cidade e juntando-se, conforme o ajuste, penetraram no palacio surprehendendo os guardas, os quaes foram mortos. Quando alguns que estavam no palacio abriram as portas para saberem a causa do tumulto que ouviam, os soldados de Cyro entraram, encontrando o rei que vinha para elles com uma espada na mão.

Os soldados de Cyro mataram o rei Balthazar e aquelles que o acompanhavam, e tomaram posse do palacio.

Com a tomada de Babylonia findava o imperio Babylonico depois de 210 annos de existencia. Assim o poder desta poderoso e soberbo reino foi destruido, 50 annos depois delle ter destruido a cidade e o templo de Jerusalem, cumprindo-se as predicções de Isaias, Jeremias e Daniel. Ha um facto que a Escriptura assevera, e que o marca com a maiorexactidão é que Babylonia seria arruinada de tal modo que nenhum traço seria deixado de sua existencia. Babylonia deixou de ser uma cidade real, foi totalmente esquecida, e sómente deixadas as suas muralhas. Os reis da Persia fizeram della um logar para guardar feras e deste modo se cumpriu o que disse o Propheta :

«As bestas feras repousarão alli, e as suas casas se encherão de horriveis animaes (Isaias 13 v 21, 22) Mais tarde as muralhas caíram e não foram reparadas.

No tempo de Alexandre, o grande rio tinha abandonado seu natural canal por causa dos receptaculos feitos por Cyro. Alexandre quiz trazel-o ao seu logar e estabeleceu a capital do seu imperio em Babylonia, mas Deus não permittio, porque pelo Propheta havia dito a respeito daquella cidade : Pol-a-hei por possessão hereditaria das corujas e lagoas de aguas e arrel-a-hei com vassouras de perdição. (Isaias 14 v 23).

Findaram-se os setenta annos de captiveiro quando Cyro publicou o decreto libertando os Judeus, restituindo-lhes todos os vasos do templo trazidos por Nabuchodonosor (Esdras cap. 1) Deus pelo Propheta Jeremias declarou : «Toda esta terra virá a ser um medonho deserto, e um espanto, e todas estas gentes servirão ao rei de Babylonia setenta annos. E completos que forem os setenta annos, irei com a minha visita sobre o rei de Babylonia e sobre aquella gente (Jer. 25 v 11, 12). Daniel estudou e entendeu a prophacia de Jeremias (Dan. 9 v 2), e Deus lhe revelou um livramento maior que seria realisado pelo Ungido do Senhor, isto é, Jesus Christo.

A linguagem é figurada com o mesmo

numero setenta, mas setenta semanas de annos, ou 490 annos.

Uma semana tem sete dias, contando-se cada dia um anno temos 70 por 7, 490.

A Daniel foi dito: «Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade» (Alm. Dan. 9 v 24). O tempo para contar estas semanas está indicado no v 25.

«Desde a saída da palavra (decreto) para fazer tomar, e para edificar a Jerusalem até ao Messias, o Príncipe, sete semanas, as ruas e as tranqueiras se reedificarão». O decreto de Cyro está mencionado em 1º Esdras 1 e diz: «No primeiro anno de Cyro, rei da Persia (para que se cumprisse a palavra do Senhor, por boca de Jeremias) despertou o Senhor o espirito de Cyro, rei da Persia, o qual fez passar o pregão por todo o seu reino».

Por este decreto os Judeus ficaram livres e tiveram ordem para voltarem, reedificarem a cidade e o templo.

Differentes calculos se tem feito para determinar o principio da contagem das semanas e o fim dellas. Notemos que das setenta semanas ha uma divisão, primeiro, sete semanas, e depois sessenta e duas semanas, ficando de fóra uma semana ou 7 annos.

Estas duas divisões marcam factos inter-rumpidos seguindo a sua ordem desde a volta dos Judeus até a vinda do Messias e do Anti-Christo.

Os setenta annos de captiveiro, principiaram 606 annos antes de Christo, e 18 annos antes da destruição de Jerusalem, porque então Juda cessou de existir como uma theocracia independente, ficando sob o dominio de Babylonia. Dois periodos são marcados em Esdras: 1º A volta do captiveiro sob a direcção de Josué e Zorobabel e a reedificação do templo. 2º A volta de Esdras (que pelos Judeus era considerado como um segundo Moysés), sendo da Persia para Jerusalem; a restauração da cidade, a nacionalidade e a lei.

A anciedade dos Judeus era a reedificação do templo, e isto era uma parte mencionada no decreto de Cyro para ser executado.

Artaxerxes, no setimo anno do seu reinado, deu a Esdras a commissão para reedificar a cidade. Este decreto foi confir-

mado e executado por Nehemias no anno 20 do reinado de Artaxerxes. (Esdras 9 v 9; cap 7 v 7, 11, etc; Nehemias (ou 2º Esdras) 2 v 1.

As setenta semanas datão de 8 annos depois de Daniel receber a prophacia.

A prophacia estabelece que o livramento pelo Messias não teria a sua realisação já, mais 400 e tantos annos depois ou 69 semanas, que são 484 annos.

O anno vigesimo de Artaxerxes parece ser o tempo mais certo para principio das setenta semanas. Artaxerxes, tomando-se a chronologia mais elevada, reinou 485 annos antes de Christo, sendo o anno do mundo 4926.

Tomando.....	4926
ajuntando-se.....	20
	4946

A chronologia maior dada para o nascimento de Christo é no anno do mundo 5441, outros dão 404. Tomemos esta ultima ou 5411 como dizem outros. Contando os 490 annos das 70 semanas com a data em que principiaram vemos que o Messias (o Christo) havia de se manifestar no anno do mundo 5436. Nascendo o Christo no

anno	5411
na idade.....	30 annos
	5441
tiranêo.....	5 annos
	5436 cumpri

ram se as 70 semanas ou 490 annos.

Dando-se o desconto de engano no contar dos chronologistas e dizendo o Evangelho que «Jesus começava a ser de quasi trinta annos» (Lucas 3 v 23), parece, que o calculo pôde ser acceito, e que as semanas se cumpriram quando Jesus se manifestou ao mundo: O Messias era esperado nesse tempo (João 4 v 25). Herodes inquirindo dos sacerdotes onde havia de nascer o Messias, indica que elle e outros o esperavam nesse tempo.

Um escriptor conta da volta de Nehemias até á vinda de Christo annunciada por João Baptista (Marcos 1 v 1 a 3), as 69 semanas, 483 annos. Destas 69 semanas, divididas em dois periodos 7 para reedificação de Jerusalem e 62 semanas se passariam até á morte do Messias. Jesus, que é o Messias, veio no tempo das semanas indicadas, foi regeitado e morto e 40

anos depois, no anno 70, Jerusalem foi outra vez destruida, o templo queimado, e o povo levado para o captivo de Roma, cumprindo-se. Dan. 9 v 26.

Resta uma semana, ou 7 annos.

Jesus exerceu o seu ministerio 3 1/2 annos, que é meia semana.

Tendo sido rejeitado virá um falso Messias (o Antichristo) com o qual os Judeus farão um pacto; e no meio da semana (3 1/2 annos) quebrarão este pacto, porque o falso Messias, que é o principe na metade da semana fará cessar o sacrificio e a offerta (Dan. 9 v 27), assentando-se no templo de Deus (o futuro templo que os Judeus edificarão) ostentando-se como se fosse Deus (2^a Thes. 2 v 3, 4).

O falso Messias será destruido pelo verdadeiro (2^a Thes. 2 v 8), e Jesus será reconhecido pelos Judeus e libertado por Elle da oppressão do Anti-Christo.

As 70 semanas serão então completadas unindo esta 1 semana ás 7 semanas e mais 62, 70 semanas Todo o Israel será libertado, porque aceitarão Jesus de Nazareth como o verdadeiro Messias, segundo o que Elle diz pelo propheta Zacharias :

«Eu derramarei sobre a casa de David e sobre os habitantes de Jerusalem, um espirito de graça e de preces, e elles porão os olhos em mim, aquem traspassaram; e choral-o-hão com pranto, como se chora um filho unico, e terão d'elle um sentimento como se costuma ter na morte de um primogenito» (Zac. 12 v 10 a 14).

João DOS SANTOS

ASSOCIAÇÃO CHRISTÃ DE MOÇOS

No *Diario de Pernambuco*, de 27 de Julho proximo passado, lemos o resumo de uma conferencia realisada pelo dr. Colton no Gabinete Portuguez de Leitura do Recife. Eis-o :

No Gabinete Portuguez de Leitura, realizou hontem, ás 8 1/5 da noite, perante grande assistencia, a sua conferencia— «A creença christã á luz da investigação moderna»—o dr. E. T. Colton.

Após a sua apresentação pelo revdm. Jeronymo Gueiros, o conferencista deu

começo á these, cercado pelo respeitoso silencio do auditorio.

«Permitti que mais uma vez agradeoa a vossa presença neste recinto, principiou o dr. Colton.

Tenho a certeza de me estar dirigindo a homens que pensam e sentem o desejo insoffrido de pesquisar os problemas mais importantes, á cata da luz que emana da verdade.

Com convicção vos digo que o christianismo ha sido ultimamente revigorado pelas investigações da sciencia, reveladoras da firmeza da base em que elle solidamente repousa, a desafiar a passagem destruidora dos tempos, os methodos criticos, originados do falso criterio e da insciencia.

A fé christan não teme as investigações as quaes não podem ultrapassar os methodos simplorios empregados pela critica actual sem cair nos desvarios da metaphysica, na opinião exagerada de muita gente.

Bem dizia Huxley: Não temos mais o direito de negar nem tão pouco o de externar affirmações acerca do que está além desse limite—o da critica.

Não posso comprehender que a doutrina do materialismo philosophico ainda possua a mais diminuta influencia sobre qualquer opinião ethica ou religiosa.

Eis a condemnação da critica usual, baseada no materialismo, que nega as manifestações da vida espirital.

Leva ao scepticismo, embarga as faculdades analyticas de perlustrarem os horisontes desconhecidos, o facto de só se concederem fóros de verdade ao que a sciencia cataloga.

São ainda de Huxley as frases seguintes :

A significação da bondade, o dominio da ethica, as possibilidades de se adquirirem os dons de sanctidade, dos quaes se tem mostrado capaz o espirito humano— tudo está presentemente fóra do dominio do homem de sciencia. E se este pretende dogmatizar sobre as emoções e a respeito da vontade, asseverando poder tudo reduzir a forças atómicas, elle fornece unicamente a prova de sua pequenez mental, da exiguidade de suas concepções. Quem

assim pratica expõe-se ás gargalhadas das gerações futuras.

O christianismo sente a impotencia dos que propalam a sua ruina; combate os antagonistas com os argumentos da propria sciencia.

E' esta a verdade dos factos. Não devemos dar credito a Haeckel, e a Herbert Spencer, quanto a assumptos religiosos.

A verdade paira muito alto.

A razão é insufficiente muitas vezes para attingil-a. Aquella existe integralmente no christianismo.

A investigação hodierna já demonstrou que o Christo do Novo Testamento é um Christo historico provando tambem que os tres primeiros evangelhos foram escriptos no 1º seculo da era christan.

Testemunhou tambem a autenticidade das quatro epistolas de S. Paulo. Com isto não tenho a intenção de affirmar, lembrou o orador, que os outros livros não sejam igualmente autenticos; desejo aqui mostrar o serviço pela sciencia prestado á religião.

Em Mahomet acha-se alguma coisa de verdadeiro—scentelha de luz a destacar-se da escuridão dos erros que lhe envolvem a obra religiosa e moral.

Romaines, grande amigo de Darwin dizia que nada havia catalogado na bibliographia christan que a biologia ou a ethica podessem destruir.

O orador chama a attenção para a vida de Jesus Christo.

Nascido num recanto obscuro do imperio romano, vivendo na solidão, Christo nos fez conhecer os admiraveis merecimentos de sua doutrina, apesar de não haver nunca folheado os livros, para nelles embeber-se da sabedoria que sempre patenteou.

Prégou a egualdade o finalismo das coisas materiaes, o triumpho da verdade, a victoria do bem sobre o mal.

Foi escolher os discipulos entre os humildes, não indagando se elles eram doutores formados em philosophia.

Desses discipulos, dois—Simão Pedro e Judas Iscariotes—se impõem á apreciação.

Simão Pedro tinha as suas fraquezas; veze; as suas faltas lhe traziam horas

de amargura, só temperada pela força de sua fé em Christo.

Judas Iscariotes era um malevolo. Refractorio aos doutrinamentos do Mestre veio por fim a ignominiosamente trail-o.

Ha gente que experimenta grandes desfallecimentos moraes procurando redimilos pelo arrependimento; ha ainda quem se entregue ao male e gemente caminhe para o abysmo, alheio a qualquer manifestação regeneradora.»

A conferencia terminou ás 10 e 1¼.

Serviu de interprete o revd. Leonidas Silva.

Usaram depois da palavra o dr. Warner e o revd. Jeronymo Gueiros.

Por fim pronunciou vibrante discurso em hespanhol o sr. Charles Hurrey, secretario continental das *Associações Christans de Moços.*

PARA CRIANÇAS

A Offerta de Eduardo

Eduardo Farrers era um pobre velho que ficou muito acanhado quando a d. Dora o convidou para assistir á reunião missionaria; elle se sentiu tão esfarrapado e triste; porém quando chegou-se a occasião, lá se achava n'um canto meio escuro do salão de culto.

Um missionario vindo da China estava fallando de sua vida n'aquella terra longinqua e pagã, procurando illustrar sua conferencia por meio de uma serie de vistas do paiz e do povo, pela lanterna magica.

Tinha desejo ardente que seu auditorio sympathizasse com a tristeza e desanimo daquelle pobre povo pagão, immerso nas trevas e na sombra da morte.

Para elle, não havia nem vista nem descripção que dêsse uma verdadeira idéa de tudo isso; mas mesmo assim suas palavras com as vistas esclareceram a muitos n'aquella reunião humilde.

No seu canto escuro, Eduardo apertava uma moeda no fuudo do seu bolso.

«Oh! estou alegre de a ter trazido, murmurava elle, enquanto escutava o missio-

nario e encarava as vistas. Quanta cousa boa nunca conheceram, coitados! e a culpa não é delles.»

Finda a conferencia levantou-se a collecta e Eduardo deu seu tostão com muita algria.

Foi só um tostão, sim *sómente* um tostão mas significava muita cousa para Eduardo, pois era velho e pobre e a pensão que recebia era muito insignificante.

Acabada a reunião, elle foi coxeando para a sua miseravel habitação n'um becco adjacente, mas no caminho teve uma idéa.

«Não foi bastante» elle disse de repente, não, não foi bastante— visto que Elle fez tanto para mim.»

Apressou-se e subiu a escada para o quartinho pobre, onde morava.

Como era frio e sem conforto depois do salão de culto tão quente e alegre!

Seu coração ficou opprimido vendo o fogareiro apagado e o pedacinho de pão na mesa.

«Oh! mas Elle fez tanto por mim!» elle murmurou de novo. A lembrança deu-lhe coragem. Do seu esconderijo elle tirou o pouco que possuia, o seu tudo — só duzentos e cincoenta reis — e apressou-se a voltar para o salão de culto com toda a pressa que seu pobre pé aleijado permittia. Sim, o missionario ainda estava lá occupado em embrulhar as chapas da lanterna.

Ouvindo os passos irregulares virou-se e viu o velho.

«O amigo quer fallar commigo?» perguntou bondosamente, tocado pela sua apparencia de extrema pobreza.

«Quero sim sr.» respondeu apressado o velho.

«Estive escutando o sr. e vi aquellas vistas, e nunca soube até hoje que cousa triste é não conhecer a *Elle!*

Dei um tostão para a collecta, mas não foi bastante; entendo agora que não foi bastante, quando penso em tudo que Elle fez para mim, por isso voltei para dar-lhe isto — é pouco, mas não tenho mais.»

Dizendo isto empurrou seu precioso dinheiro na mão do missionario e sahii apressado nem esperando para elle agradecer-lhe a offerta.

Por alguns momentos o missionario nem se mexeu, seus olhos enchiam-se de

lagrimas enquanto contemplava aquellas pobres moedas na sua mão.

«*Não foi bastante, quando penso em tudo que Elle fez por mim,*» elle repetiu devagarzinho: «Que Deus o abençõe e use deste dinheiro, desta sua linda offerta.»

E o dinheiro de Eduardo foi embrulhado por mãos que o tocava reverentemente.

.....
Si nós em nossas vidas temos tido momentos como estes, realizando quanto Jesus tem feito por nós, e temos experimentado alegria é devido ao nosso conhecimento d'Elle, mas teremos pensado como aquelle velho — em recompensal-o por tão grande amor?! «Não foi bastante, quando Elle fez tanto por mim?»

Trad. por ANNIE DE B. WRIGHT

Egreja Evangelica Fluminense

1. Nos Domingos. Reunião de Oração ás 10 1/2 horas da manhã, Culto e Exposição do Evangelho, ás 12 horas da manhã, aos crentes.

Prégação do Evangelho, aos não convertidos, ás 7 horas da noite.

Nas 4^{as} feiras, Reunião de Oração e Estudo Biblico ás 7 horas da noite.

2. Como dirigimos estes serviços:
Domingo de Manhã 1. Hymno, 2. Oração pelo Pastor.

3. Leitura das Escripturas.

4. Hymnos.

5. Orações livres pelos Irmãos.

6. Avisos.

7. Hymno e Collecta.

8. Sermão para os crentes.

9. Oração pelo Pastor.

10. Hymno. 11 Benção pelo Pastor.

3. Domingo de Noite. 1 Hymno. 2. Oração pelo Pastor. 3. Leitura das Escripturas.

4. Hymno. 5. Avisos.

6. Sermão para os não convertidos.

7. Oração pelo Pastor.

9. Hymno. 10. Benção pelo Pastor.

4. Nas 4^{as} feiras.

1. Hymno. 2. Oração pelo Pastor.

3. Hymno. 4. Orações livres pelos Irmãos.

5. Avizos. 6. Leitura das Escripturas e Estudo Bíblico. 7. Hymno. 8. Oração e Bênção pelo Pastor.

5. A 4ª feira anterior ao 1º Domingo do mez, é consagrada á reunião de Oração e a noticias evangelicas.

6. A Ceia do Senhor é celebrada no 1º Domingo do mez de noite e no 3º Domingo de manhã.

7. Collectas todos os Domingos de manhã (1) Escola Dominical (2) Culto, (3) Pobres (4) Evangelisação, (5) Hospital Evangelico.

Na Ceia do Senhor, collecta para os pobres, no 1º Domingo de noite, e no 3º Domingo de manhã.

8. Escola Dominical. Funciona nos Domingos ás 11 horas da manhã. Adoptamos as Lições Internacionaes em as 2. feiras de noite os Directores de Classes (Professores) reuñem-se com o Pastor para estudarem a lição do proximo Domingo

Annexa á Escola Dominical temos uma União Dominical de Creanças.

A recordação (ou revista) das lições é feita pelo Pastor, mensalmente ás classes de creanças, e trimensalmente, ás de adultos.

9. Não representamos uma denominação. Fluminense não é um nome ecclesiastico, é o da cidade, o mesmo que Igreja Evangelica do Rio de Janeiro, como eram as egrejas nos tempos apostolicos, que tomavam o nome da cidade como a Igreja em Roma, em Corintho as Egrejas de Galacia; a Igreja dos Thessalonicenses e outras.

Sómente tomamos o nome christão, como eram os crentes chamados (Actos 11 v 26, cap. 26 v 28; 1ª Pedro 4 v 16).

10. Ainda que adoptamos o governo ecclesiastico congregacional, porque é bíblico; não somos congregacionalistas como denominação, porque (1) rejeitamos nomes que não se acham nas Escripturas, (2) porque não baptisamos creanças, como pratica aquella Igreja denominada— Congregacionalista.

11. Só baptisamos pessoas christãs, que julgamos convertidas e nascidas de novo (João 3 v 3) Baptisamos, homens e mulheres que crêm em Jesus Christo, como faziam os Apostolos (Actos 2 v 38, cap. 8 v 12).

12. Prégamos o Evangelho e ensinamos; e aos que o recebem, baptisamos segundo o mandamento do Senhor Jesus Christo, em Matt. 28 v 19, 20; Marcos 16 v 15, 16.

13. Aceitamos toda a Biblia como Palavra de Deus, crendo que os homens santos de Deus fallaram, inspirados pelo Espirito Santo (2ª Pedro 1 v 21, e que toda a Escriptura é divinamente inspirada (2ª Tim. 3 v 16, 17).

14. Santificamos o Domingo, que é o Dia do resurreção (Apoc. 1 v 10) em memoria da resurreção de nosso Senhor Jesus Christo.

Ainda que é o primeiro dia da semana, é o setimo depois de seis dias de trabalho (Exodo 20 v 9, 10. Galatas 3 v 23 a 25).

15. Para direcção espiritual da Igreja temos Pastores, Presbyteros e Diaconos, e os Membros da Igreja reuñem-se mensalmente para tratarem dos negocios espirituales da Igreja, apresentados pelos Pastores e Presbyteros.

Os Diaconos cuidam das necessidades temporaes dos pobres.

16. Para administrar os bens materiaes da Igreja, temos uma Administração do Patrimonio, que é eleita annualmente.

17. Em connexão com a Igreja temos:

(1) A Sociedade de Evangelisação.

(2) União Evangelica de Senhoras.

(3) A União Biblia da Mocidade.

(4) A União Dominical de Creanças.

18. As Doutrinas Fundamentaes do Christianismo, que aceitamos, temos em uma «Breve Exposição» impressa, que offerecemos a quem nos pedir.

19. O Pastor é encontrado em casa todos os dias até ás 12 horas da manhã (1ª dia), 4ª feiras e sabbados, todo o dia.

Deixará de observar esta sua regra em casos imprevistos, quando precisar sair. Nos domingos estará na Igreja.

JOÃO M. G. DOS SANTOS, pastor da Igreja Evangelica Fluminense, desde 1876.

Residencia — Rua Barão de S. Felix, nº 90.

(Nota — A Igreja E. Fluminense foi organizada em 1858).

VÊR SEM OLHOS

Não ha muito tempo uma operação maravilhosa foi feita nos olhos de um homem de 40 annos de idade, cego de nascimento depois da qual podia vêr perfeitamente.

Este caso tem sido uma fonte de grande interesse e maravilha entre medicos afamados porque sem uso de seus olhos este homem podia fazer muitos dos trabalhos de uma pessoa [possuindo todos os seus sentidos.

Era elle lavrador e podia fazer tudo excepto cavar e lavrar a terra. Empalhava cadeiras, apanhava algodão, fazia cercas cortava arvores, e finalmente comprou e pagou dos seus proprios ganhos um pedaço de terra de 16 hectares. De uma vez elle e sua mulher tiveram um armazem. Com o ensino infatigavel de sua esposa elle podia discriminar pelo seu sentido de tacto os diversos artigos em deposito. Sua capacidade em reconhecer as cores espantava todos os medicos que sabiam do seu caso, pois não podem comprehender o phenomeno. Podia instantaneamente distinguir a cor encarnada da azul, ou um verde de um amarello, passando meramente sua mão por sobre o objecto. Depois da operação os medicos retiraram a venda de seus olhos e mostrando-lhe uma maçã perguntaram-lhe o que era aquillo. Elle disse que pensava que deveria ser uma maçã, porque era redonda e tinha tiras encarnadas e verdes. Isto prova a sua concepção mental sobre as cores era correcta. Elle tambem era um negociante de animaes prospero, podendo distinguir sem falhar, um cavallo claro de um escuro, e conhecer a sua idade pela dureza relativa dos seus olhos. Seu sentido de direcção estava maravilhosamente desenvolvido. Era um caçador entusiasta e levava seus cães e espingarda para sahidias noctunas sósinho por meio de densas florestas. Embora a floresta fosse a mais densa ou o caminho intrincado, elle podia sempre achar o seu caminho para casa.

Quando o cego foi levado pelo corredor do hospital á sala de operações, diversos obstaculos foram collocados no seu caminho, mas invariavelmente elle cercava-os, nunca tocando em nada no seu ca-

minho. Não são os olhos materiaes que veem finalmente, mas a mente é que vê por meio delles. A mente vê muitas coisas sem o uso dos orgãos visuaes. Descobre factos materiaes, suas relações entre si, a belleza que jaz atraz delles, o Ser Absoluto que está atraz de tudo, e as fôrmas e forças do mundo. E' o coração que vê o amor infinito.

CORRESPONDENCIA

«Da carta de nosso irmão sr. Modesto Fernandes, que se acha em Aguada de Cima, Portugal, extrahimos os seguintes topicos interessantes :

«No dia 28 de Janeiro do corrente anno dormiu no Senhor, como o irmão já deve saber a nossa irmã na fé, Anna Joaquina d'Almeida, deste lugar, a qual havia 5 annos, tinha dado testemunho da sua fé no Salvador Jesus abandonando por completo a igreja romana para seguir o Evangelho de Christo, deixando crentes na familia, um filho e marido Para fazer o enterro civil fui eu e outro irmão (José Ferreira Coelho Junior juntamente com o marido participar ao administrador do conselho, o qual deu logo as devidas providencias. No serviço evangelico não havia ministro para celebrar o enterro, sendo apenas cantados alguns hymnos pelos crentes d'aqui que foram acompanhar o corpo á sepultura.

Hcuv' uma pequena allocução á beira da sepultura precedida da leitura de alguns textos da Escriptura, o que, com a ajuda de Deus. eu fiz a uma multidão de mais de 350 pessoas, que com a mais devotada attenção escutaram a Palavra de Deus. Foi um enterro extraordinariamente concorrido como nunca aqui houve igual Tudo correu pela melhor ordem. Gloria a Deus. Alli os incredulns ouviram sem irem á casa de Oração, as boas novas de salvação em Jesus Christo :

«Eu sou a ressurreição e a vida; o que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá. E todo o que vive e crê em mim não morrerá eternamente.» (S. João XI, 25, 26.)

O padre é que ficou mais ferino, e teve tão pouca vergonha que mandou avizar á

familia da fallecida declarando que lhe ia fazer os officios por alma ! Elle queria ver si podia ainda assim usurpar á familia 14\$000 mas estamos certos que foi em vão que elle teve o máu gosto de os fazer por que a lei já não lhe offerece as garantias que elle desejava, por se provar que ella tinha abandonado a igreja romana, e ainda mais por constar no registro civil o assento do seu obito.

Ultimamente tem havido polemica religiosa entre mim e os padres devido a uma carta que escrevi ao prior daqui na «Independencia» de Aguada, cuja publicação vou mandar-lhe. Escrevi para o prior de Aguada de Cima mas o prior de uma freguezia visinha foi quem tomou a iniciativa de contestar a minha carta com uma serie de artigos *Protestantismo e Catholicismo*, elle adopta o pseudonymo de «Zé Ninguem» mas seu nome é: Padre Abel da Conceição, prior na freguezia de Oyã.

Ao tempo que escrevo esta carta está entre nós o irmão sr. Elias José Tavares Chegou do Porto no dia 26 de Agosto. Fez duas reuniões que foram regularmente concorridas.

Devido á publicação dos artigos no *Independencia* refutando as asserções de «Zé Ninguem» está se vendo um grande interesse pela causa do Evangelho pelas freguezias circumvisinhas, até ao ponto de alguns me virem procurar para me felicitar. Gloria a Deus».

Portugal

Depois de mais de um mez de estada entre os irmãos de Lisboa, parti para o Porto no dia 19 de Agosto.

Em alli chegando visitei os irmãos srs. Joaquim Pinto da Conceição, Joseph Gomes, José Fernandes, rev. Roberto Moreton e Alfredo Silva a quem já conhecia de Lisboa.

No dia seguinte, com o Presidente e mais ou menos 30 unionistas da União Central, fui visitar a União de Gaya.

Domingo 21, a convite do irmão sr. José Fernandes, preguei na Igreja Methodista do Mirante, e, á tarde a convite do irmão sr. Joseph Gomes, fallei em um logar onde elle sustenta uma escola

diaria e dirige uma boa congregação. Primeiramente fallei ás crianças que em numero de 35 me ouviram tão attentamente como nem um outro grupo a quem tenho fallado, depois aos adultos que passavam de 50 e ouviram com interesse.

Na terça-feira, 23, por permissão do irmão sr. J. P. da Conceição, dirigia a Classe Biblica da União Central, ás 8 1/2 da noite.

Este irmão desejava que eu fallasse no Monte Pedral, o que não pude fazer, e senti.

O trabalho no Porto é bastante animador. Os resultados mostram que os servos do Senhor, nesta parte de Portugal, tem trabalhado assiduamente.

Visitei o edificio da Praça do Commercio que é digno de apreciação pelo gosto artistico que interiormente apresenta, a custosa Igreja de S. Francisco ao lado; a Torre dos Clerigos da qual se disfruta uma bella vista da cidade; o Palacio de Crystal que muito embelleza o Porto, e finalmente a Igreja da Lapa, no frontespicio da qual se lê a inscripção «Omnia per manus Maria».

Uma das causas porque Portugal está tão indifferente, «Tudo pelas mãos de Maria!» Quando ella disse: «Fazei tudo o que Elle (Jesus) vos disser.

Na quarta-feira, 24, segui para Braçal, onde me esperava o irmão sr. Manoel Marques que amavelmente me hospedou.

Na noite desse mesmo dia dirigi culto ao qual compareceram umas 50 pessoas.

Tambem fizemos reunião na noite seguinte comparecendo o mesmo numero da noite anterior.

As reuniões, no interior de Portugal, não são bem concorridas neste tempo do anno porque o povo tem affazeres urgentes nos campos e trabalho até tarde da noite.

No dia 26, depois de andar de pé, de carro puxado por um cavallo e de estrada de ferro, cheguei a Aguada de Cima. Alli os irmãos me receberam com alegria e fallei na mesma noite a umas 40 pessoas e avisei o povo que fallaria no domingo, á 1 hora da tarde e ás 8 da noite. Fallei a 1 hora da tarde a um pequeno auditorio, isto é, umas 20 pessoas.

A assistencia foi pequena devido ser

este domingo, o dia designado para eleição de deputados.

Infelizmente, a noite, não pude fallar impedido pelo meu estado de saude que depois que cheguei a Portugal não tem sido nada satisfactorio fallando em meu lugar o irmão sr. Modesto Fernandes a uma congregação de 30 pessoas.

Este trabalho aqui esta debaixo dos auspícios da Egreja Methodista do Porto, que manda todos os mezes, um dos seus trabalhadores visual-o.

No dia 30 vim para Figueira da Foz, de onde envio estas notas e onde encontrei o veneravel irmão sr. Manoel Carvalho e o evangelista sr. Nobrega aos quaes desejo Deus querendo ajudar por alguns dias.

O trabalho evangelico em Portugal é bastante difficil. O indifferentismo, creio, está mais arraigado no coração portuguez do que no coração brasileiro.

Precisamos muito a oração do povo de Deus pela obra aqui. Sim, oração e soccorro material aos obreiros, eis o grande auxilio para Portugal.

Quando estiver para seguir para Pernambuco enviarei o resto das notas sobre minha viagem ao bello reino de Portugal.

Irmãos, algumas das sementes caem em boa terra.

Figueira da Foz, 31 de Agosto de 1910.

ELIAS TAVARES

NOTICIARIO

J. A. dos Santos e Silva. —

De visita ao Estado de S. Paulo em 11 do corrente este nosso irmão pregou nas Egrejas Presbyteriana Independente e Synodal. Nos dias 12, 13, 15 e 18 dirigiu uma serie de conferencias na Congregação Evangelica Paulistana, no domingo 18, prégou na Egreja Methodista e nos dias 19 e 20 realiso duas conferencias na Associação Christã de Moços a primeira dedicada aos crentes evangelicos portuguezes e a segunda dedicada á colonia portugueza em geral. Nos domingos 11 e 18 teve tambem cultos com exhortação na Villa da Faia, para a familia de nosso irmão Oliveira e empregados da casa.

No dia 14, prégou em Santos na Con-

gregação Episcopal. A 22 esteve em Campinas, visitou o Seminario Theologico, orando com alguns estudantes, e teve uma conferencia com o dr. Porter sobre os trabalhos, programmas e admissão de estudantes no Seminario.

Em 25 fez duas conferencias na Pedra Guaratiba. Nesta localidade e em S. Paulo tambem tiveram reuniões de oração.

Tendo em vista os muitos dias verdadeiramente tempestuosos que houve durante a sua estada em S. Paulo a concurrencia ás reuniões foi regular.

Antes de seguir para S. Paulo o nosso irmão já havia prégado na Egreja da Rua Larga, na Sociedade Christã de Moços, em Niteroy nas egrejas da rua da Praia e da rua Nova, na Egreja da Encantado e nas do Bangú, de Palmeiras, do Engenho da Serra e do Rio das Pedras. Tambem tomou parte na reunião de Confraternisação que se realisou na Egreja Independente desta cidade.

O nosso irmão tenciona regressar para Lisbõa em meados de Outubro.

Baptisados no Recife. —

Escreve-nos de Pernambuco o pastor Pedro Campello. que em a noite de 4 de setembro apoz o sermão prégado pelo pastor Leonidas Silva, foram baptisados no salão da Egreja Evangelica Pernambucana, Luiz Pereira de França e a senhorita Lydia Francisca da Costa, filha do presbytero da mesma sr. Manoel Francisco da Costa.

Logo depois do culto e celebração da Ceia do Senhor, os dois jovens irmãos foram abraçados por muitos crentes, que assim testemunhavam a grande alegria que sentiam com a entrada de mais duas ovelhas para o rebanho do Senhor Jesus.

Mais alguns echos da 3^a Convenção Nacional das A. C. M. — *O Jornal do Commercio* e outros diarios importantes desta cidade, além das notícias detalhadas da Convenção publicaram, em dias subsequentes, notícias lisongeiros referentes a Convenção e aos seus delegados.

—Um semanario catholico intitulado *Patria Brasileira* tem escripto artigos contra a A. C. M. e principalmente con-

tra a Convenção. Pelo teor dos artigos alguns dos quaes da lavra do dr. Francisco dos Santos, vê-se que a Convenção deixou profunda impressão na sociedade fluminense, mesmo entre a parte catholica. Lastimamos que seu redactor enveredasse pelo caminho da verdade e do ridiculo em vez de tentar provar que os protestantes são menos leaes á patria do que os catholicos.

Na primeira pagina de seu boletim Mensal de Setembro, a União Central do Porto fez estampar um artigo congratulatorio pela 3.ª Convenção Brasileira acompanhada de uma gravura da séde da A. C. M. desta cidade.

As noticias deste numero são muito interessantes e demonstram a actividade desenvolvida por aquella União.

— *O Amigo da Infancia* estampando a gravura do estandarte da A. C. M. do Rio dedica umas linhas de saudação á 3.ª Convenção Brasileira.

— Após os fatigantes trabalhos da Convenção, seguiu para S. João da Boa Vista, para' descansar um pouco nosso caro amigo e irmão Myron Clark. Acompanhou-a sua esposa

Lisboa. — O Diario de Noticias de Lisboa, por occasião da sessão de recepção da União C. de Mocidade em honra do rev. Alvaro Reis, estampou o seu retrato e deu uma boa noticia. A festa esteve esplendida, como sóem ser as que a União Lisbonense offerece aos seus visitantes.

— A Missão da Igreja Presbyteriana Escocseza aceitou o offerecimento feito pelo Rev. Alvaro Reis para tomar conta da mesma igreja portugueza e manter um pastor. Essa igreja tem estado desde alguns annos interinamente aos cuidados de nosso irmão sr. José Augusto Santos e Silva, actual pastor da Igreja de Estephania e sob seus cuidados tem tido bastante desenvolvimento.

Casamento. — Casou-se no Porto no dia 5 de Agosto, a nossa irmã d. Theresza Fernandes, viuva de nosso irmão Antonio Teixeira Fernandes, com o nosso irmão José da Silva Miranda. Parabens

Sempre Fieis. — Este lindo hymno dedicado á 3.ª Convenção das A. C. M. pelo prezado irmão H. Maxwell Wright, impresso com a musica em uma folha de papel pelo preço de 200 rs e uma collecção de hymnos novos do mesmo irmão com indicação do numero das musicas respectivas tambem a 200 reis, encontram-se a venda na Casa Publicadora á rua da Quitanda 47 e em porção á rua S. Pedro 118, nesta redacção.

O producto destes hymnos foi offerecido pelo seu auctor á Sociedade de Evangelisação.

Relatorio da Commissão de Expansão Economica do Brazil. Anno 1909.

Causou-nos grande prazer a leitura deste relatorio apresentado ao sr. Ministro da Agricultura pelo seu presidente dr. Vieira Souto. As estatisticas e os dados tão completos fazem-nos ter uma idéa real das relações da commissão na Europa.

Agradecemos o exemplar recebido.

Relatorio das A. C. M. Inglesas durante o anno 1900/1910. Existem 1248 centros nas Ilhas Britannicas, incluindo as Associações militares e outras auxiliares com um total de 145.866 socios. Em todo o mundo existem 8.056 associações com 859.621 socios. Destas associações 1260 possuem edificios proprios no valor de L. 11.853.242.

Este Anuario contem mais de 240 paginas cheias de detalhes interessantes. Gratos.

Alliança Fraternal das Igrejas Evangelicas. — No dia 5 de Setembro teve lugar a 4.ª reunião desta Alliança, na Igreja Prebyteriana Independente, do Rio de Janeiro.

Presidio o ministro Antonio Trajano, da Igreja Presbyteriana, e foram oradores, os ministros Miguel Barcellos da Cunha, da Igreja Episcopal, Alexander Telford, da Igreja Fluminense, e Madron da Igreja Baptista. O templo, á rua Barão do Rio Branco, estava repleto.

Os oradores dissertaram sobre João 15 v 34. «Eu dou-vos um novo mandamento que vos ameis uns aos outros assim como eu vos amei».